

Reportagem Especial

CRIME NA INTERNET

Droga e arma à venda na rede social

ANTONIO COSME/AT



DELEGADO
Lorenzo diz que a Polícia Federal investiga o comércio criminoso nas redes sociais

Bandidos utilizam Facebook e WhatsApp para anunciar maconha, drogas sintéticas e armamento no Estado. Muitos usam perfis falsos

Leone Oliveira

As redes sociais e os aplicativos de troca de mensagens foram criados para facilitar a comunicação entre as pessoas e como forma de entretenimento. Aproveitando a popularização dessas ferramentas, os usuários e as empresas também passaram a usar as redes para anunciar seus produtos e aumentar suas vendas.

Contudo, também atraíram criminosos que, aproveitando fatores como privacidade na troca de mensagens e a possibilidade de se esconder atrás de perfis falsos, começaram a vender drogas e armas pelo Facebook e WhatsApp no Estado.

Com o auxílio de fontes ligadas à Segurança Pública, a reportagem de **A Tribuna**

flagrou algumas negociações de armas e drogas feitas pelos criminosos nas redes sociais. Em um dos diálogos, o traficante negocia a venda de uma droga conhecida como “chá verdão” (maconha mais pura e potente) por R\$ 1,8 mil, o quilo, e de um revólver por R\$ 4 mil. O pagamento é feito na hora da entrega da mercadoria.

Em outras conversas, os traficantes exibem imagens de drogas sintéticas, como ecstasy e micro-pontos de LSD, que seriam vendidas em festas na Grande Vitória.

O promotor de Justiça e ex-secretário de Estado da Justiça Sérgio Pereira Alves revelou que a comercialização de armas e drogas é investigada pelo Ministério Público, em parceria com as polícias Militar e Civil. Segundo ele, o WhatsApp facilita a divulgação

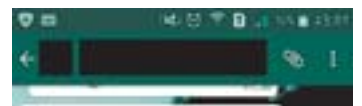
dos produtos pelo criminoso. “O suspeito pode informar que a droga chegou. Vai poder tirar uma fotografia para ver a cor da droga. Se a maconha está com um verde mais vivo ou mais seco. Até mesmo para mostrar a qualidade da droga, ele usa o aplicativo. Ele tira uma foto e envia para o comprador. Com a arma, ele tira foto para mostrar o modelo da arma e diz que ela está em boas condições”, exemplificou o promotor.

O chefe da Delegacia de Repressão aos Crimes de Patrimônio e ao Tráfico de Armas (Delepat) da Polícia Federal, delegado Lorenzo Fontes Esposito, disse que essa comercialização é acompanhada pela Federal, mas em alguns casos é um golpe. “A pessoa via o anúncio, pagava um adiantamento e não recebia a arma”, contou ele.

Esposito informou que há investigações de venda de armas em redes sociais em andamento, mas não deu detalhes para não atrapalhar o trabalho da PF.



FACEBOOK



TRAFICANTES exibem tabletes de maconha no Facebook e chamam a droga de “verdão” e “verde de qualidade”. Outro bandido mostra revólver Taurus à venda. No WhatsApp, a oferta é de droga sintética



Traficantes colocam “selos de qualidade” nas buchas

Como se fossem uma empresa que fabrica produtos para vendas regulamentadas, as quadrilhas de tráfico de drogas investem na criação de marcas e selos de qualidade para estampar as embalagens de entorpecentes vendidos por elas.

A denúncia é do promotor de Justiça Sérgio Alves Pereira. “A droga vem com um selo de confiança, um selo de qualidade, para que o cliente seja realmente bem atendido”, disse.

Segundo Pereira, o tráfico coloca os selos para mostrar que a qualidade do entorpecente é boa. Depois, contou, os bandidos divulgam esses produtos nos aplicativos.

“A qualidade não sendo boa, o preço que se paga é a própria vida. Entre os traficantes, a política não é o meio termo. Não tem muita administrativa. É a execução mesmo,

por isso, apesar de tudo, há certa credibilidade na qualidade daquilo que eles divulgam”, afirmou ele.

O promotor ainda ressaltou a utilização do aplicativo por traficantes de classe alta para divulgar a venda de drogas sintéticas. “Esse traficante não reside no alto do morro. Muitas vezes, ele reside em bairros nobres”, salientou.

WHATSAPP



BUCHA DE MACONHA com selo

Polícia vasculha computadores

Celulares e notebooks apreendidos pela polícia das mãos de suspeitos de tráfico de drogas e armas têm ajudado a polícia e o Ministério Público a investigar quadrilhas que atuam nas redes sociais, segundo o promotor de Justiça Sérgio Alves Pereira.

“Os equipamentos, com a devida autorização judicial, são encaminhados à Polícia Técnico-Científica da Polícia Civil, que vai extrair todas as informações e elaborar um laudo, que será utilizado como prova para a instrução de um processo contra esse suspeito”, explicou.

Nos casos de suspeita de tráfico de drogas ou armas, também são investigadas as redes sociais do criminoso. “Toda e qualquer investigação que apura, por exemplo, o comércio ilegal de arma de fogo, a associação para o tráfico e o tráfico de drogas, passa obrigatoriamente pela apuração se há a prática desse

crime pela internet”, afirmou.

O chefe da Delegacia de Repressão aos Crimes de Patrimônio e ao Tráfico de Armas (Delepat) da Polícia Federal, delegado Lorenzo Fontes Esposito, disse que a instituição conta com o auxílio de denúncias anônimas e de informantes para apurar a prática desses crimes. “É um trabalho difícil e demanda investigação aprofundada. Os criminosos migraram para os aplicativos onde se sentem mais seguros, mas a gente continua investigando”, garantiu ele.

“Toda investigação que apura o tráfico passa pela apuração se há a prática desse crime pela internet”

Sérgio Pereira, promotor de Justiça

COMO É O COMÉRCIO

Flagrantes de negociações

> **A REPORTAGEM** teve acesso a flagrantes de negociações de criminosos com interessados em comprar armas e drogas. A procura pelos traficantes é feita em grupos e eventos de bailes funk clandestinos. As negociações ocorrem na caixa de mensagens privadas (inbox).

Pagamento à vista

- > **COMPRADOR** – Por quanto você vende as drogas?
- > **TRAFICANTE** – Depende.
- > **COMPRADOR** – Qual droga você tem?
- > **TRAFICANTE** – Chá verdão (maconha mais pura e potente). O quilo é R\$ 1,8 mil.
- > **COMPRADOR** – E arma, você tem?
- > **TRAFICANTE** – Vendo por R\$ 4 mil. O chá e arma é só chegar com o dinheiro na mão que vendo para você.

Reportagem Especial

CRIME NA INTERNET

A cada 6 horas, uma arma é apreendida

O trabalho integrado entre as polícias Militar e Civil tem ajudado a retirar de circulação milhares de armas de fogo nos últimos anos no Estado. Segundo informações do 6º Batalhão (Serra) da PM, este ano, até o final de julho, foram apreendidas 954 armas de fogo na Grande Vitória. Isso significa que a polícia tirou das ruas uma arma de fogo a cada seis horas na Grande Vitória.

O 6º Batalhão é o destaque das apreensões, este ano, liderando o ranking na Grande Vitória. Até o final de julho, foram 304 armas de fogo apreendidas. O segundo colocado é o 4º Batalhão (Vila Velha) com 199 apreensões, seguido pelo 1º Batalhão (Vitória) com 125 armamentos recolhidos. Fechando a lista está o 7º Batalhão (Cariacica) que retirou de circulação, neste período, 103 armas de fogo.

Além disso, a Ronda Ostensiva Tática Metropolitana (Rotam), apreendeu 78 armas, o 10º Batalhão (Viana) outras 65 e o Batalhão de Missões Especiais (BME) e a Polícia Militar Ambiental retiraram de circulação 55 e 25 armas de fogo, respectivamente.

O comandante do 6º Batalhão, tenente-coronel Wéinton Luiz Ribeiro, destacou que o resultado é o somatório de um trabalho que vem se consolidando nos últimos anos.

“O que mata hoje na Serra é a ar-

ma de fogo. Mais de 90% dos homicídios no município são cometidos com arma de fogo. Reduzimos o número de homicídios, porque estamos focando as ações nessas áreas, combatendo quadrilha que atuam nessas regiões mais violentas e com ações integradas com a Polícia Civil e o Ministério Público”, explicou o comandante.

Em 2015, foram 207 mortes contra 170 neste ano, uma redução de 18%. A comparação foi feita entre 1º de janeiro e 2 de agosto. Ribeiro ressaltou que foram trazidas para a unidade diversas ferramentas adotadas na gestão estratégica.

“Investir em segurança pública não é só comprar radiopatrulha e aumentar efetivo. É também investir na gestão. O aumento do efetivo que aconteceu aqui é importante, mas se isso não for gerenciado não vai adiantar. Só vai aumentar o gasto público e não vai aumentar a eficiência da máquina pública. O que estamos fazendo aqui é aumentar a eficiência da máquina pública”, frisou ele.

O RANKING

MUNICÍPIO	NÚMERO
1º Serra - 6º Batalhão	304
2º Vila Velha - 4º Batalhão	199
3º Vitória - 1º Batalhão	125
4º Cariacica - 7º Batalhão	103
Total:	731

Produtos roubados anunciados em sites

Além da utilização das redes sociais e de aplicativos de troca de mensagens para comercializar drogas e armas, bandidos têm usado a internet para vender produtos roubados ou furtados.

O titular da Delegacia Patrimonial de Cachoeiro de Itapemirim (Depatri), no Sul do Estado, delegado Augusto Giorno, contou que essa prática tem se tornado comum por conta da facilidade oferecida pelas redes sociais.

“Tudo ocorre num ambiente virtual, onde, muitas das vezes, eles utilizam perfis e nomes falsos que dificultam um pouco as investigações, mas a gente consegue identificação”, frisou o delegado.

E completou: “Há casos em que identificamos o criminoso graças ao fato de o produto ser anunciado na internet. A vítima viu o anúncio e reconheceu os produtos”.

Segundo ele, os produtos são anunciados em perfis ou grupos nas redes sociais e em sites de compra e venda.

Giorno informou que, normalmente, os produtos anunciados são eletroeletrônicos. Entretanto, há casos até de carros roubados que foram colocados à venda pelos criminosos na internet.

“O criminoso tenta passar a imagem de que é um produto lícito, mas não é”, explicou o delegado.

Na hora da entrega do produto, Giorno explicou que alguns criminosos optam pela entrega via Correios, enquanto que outros fazem a entrega pessoalmente.

“A pessoa tem de ter cuidado na hora de comprar. Tem que se certificar de que se trata de um site seguro, saber se a empresa existe e exigir sempre que a nota fiscal seja fornecida”, orientou o delegado.

ALESSANDRO DE PAULA

DELEGADO Augusto Giorno disse que se tornou comum venda de produtos roubados na internet e orientou os consumidores a exigir nota fiscal e verificar segurança do site



PROMOTOR DE JUSTIÇA Sérgio Alves Pereira sugeriu mudanças na lei para permitir a clonagem do chip de celulares de suspeitos de crimes

Criptografia dificulta investigação

As versões mais atualizadas de aplicativos de troca de mensagens, como WhatsApp, têm uma tecnologia chamada de criptografia de ponta a ponta que fornece mais privacidade e segurança aos usuários.

O doutorando em Ciência da Computação pela Ufes Marcello Novaes explicou que esse tipo de criptografia consiste em codificar uma mensagem para que ela só possa ser entendida pelo destinatário,

único capaz de decodificá-la.

Nesse modelo, cada pessoa possui uma chave que é usada para trancar suas mensagens antes do envio. Ao estabelecer a comunicação, uma pessoa entrega uma cópia da sua chave a outra, e assim cada uma delas pode destrancar as mensagens recebidas. “É como se as duas pessoas estivessem falando um idioma que só elas podem interpretar”, exemplificou ele.

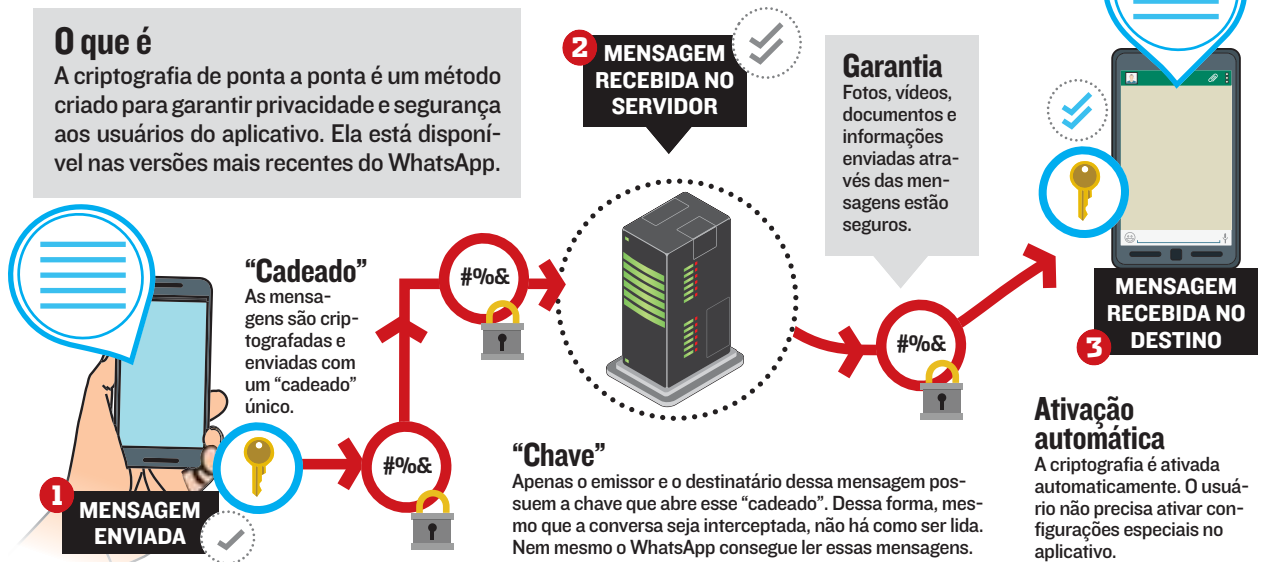
O promotor de Justiça Sérgio Alves Pereira sugeriu mudanças na legislação brasileira para permitir a clonagem do chip de suspeitos de crimes.

“Fazendo a cópia, você tem acesso aos dados criptografados, mas a legislação nossa não prevê a utilização de cópias de equipamentos eletrônicos de modo que você possa usar isso como prova”, explicou o promotor.

CRIPTOGRAFIA DE PONTA A PONTA

O que é

A criptografia de ponta a ponta é um método criado para garantir privacidade e segurança aos usuários do aplicativo. Ela está disponível nas versões mais recentes do WhatsApp.



Fonte: Marcello Novaes, doutorando em Ciência da Computação

O OUTRO LADO

Proibidas atividades criminosas na rede

Em nota, o Facebook informou que mais pessoas passaram a utilizar a rede social para descobrir novos produtos e para comprar e vender coisas, assim a política de bens regulamentados foi atualizada. Nos padrões da comunidade, é proibido o uso do Facebook para facilitar ou organizar atividades criminosas.

Já o WhatsApp explicou que ao enviar mensagens criptografadas de ponta a ponta, elas não podem ser interceptadas por terceiros. “Não armazenamos mensagens do usuário em nossos servidores”, esclareceu a nota.

ANÁLISE

“Questão tem de ser enfrentada com tecnologia”

“A venda de drogas e armas pelas redes sociais tem se tornado comum, principalmente pelo sigilo das mensagens do WhatsApp pela proteção da criptografia de ponta a ponta.

Essa questão tem de ser enfrentada com tecnologia. O poder público não pode ficar aquém de um simples programa de mensagem.

Nos Estados Unidos, isso já vem sendo feito. O FBI está bem próximo de quebrar a criptografia de proteção do WhatsApp, e já quebrou a criptografia do iPhone,

Essa tecnologia é, por um lado, boa, porque nos sentimos seguros ao enviarmos e recebermos mensagens.

Porém, por outro lado, tem a questão da segurança (pública) que fica à mercê de toda essa tecnologia da informação e transmissão de dados sem o controle do poder público, ou seja, sem sequer as forças de Segurança Pública terem acesso a estas informações, mesmo com ordem judicial, que levou a diversas suspensões do aplicativo WhatsApp no País inteiro”.

Thiago Corona Alves, advogado especialista em crimes virtuais

